Crimes da Sociedade[1]

Ricardo D'Imaregna

[19][2] Enquanto a "alta" sociedade pauliciana entregava-se aos prazeres mundanos, protegida pela noite silenciosa, a "baixa" sociedade, a sociedade da plebe, deixava-se levar nos braços de Morfeu.

Por uma das ruas da imponente capital paulista caminhava um homem, envolto num amplo sobretudo, com as abas levantadas, com o intuito de se resguardar do frio; aproximara-se de um poste de iluminação. Na esquina, oculto no desvão de uma porta, um agente de polícia observava-o.

O homem desabotoara o sobretudo e, de um dos bolsos do paletó, tirou uma cigarreira de prata lavrada, de onde extraiu um fino cigarro que levou aos lábios. Nesse momento, pôde-se-lhe ver o rosto; era o de um homem de cinquenta anos, de aspecto severo; as faces escanhoadas e encovadas, e os olhos vítreos, metidos entre fundas olheiras, denotavam naquele ser humano o ricto da dor.

---

[1] D'IMAREGNA, Ricardo. Crimes da Sociedade. O *Malho*, Rio de Janeiro, ano XXIV, n. 1.171, p. 19, 21 fev. 1925.

[2] Os números entre colchetes correspondem aos números das páginas da referência.

E, com passos mal seguros, como que não se podendo conter sobre os membros entorpecidos, continuou a caminhada; na esquina, ao defrontar a rica *villa* de madame Lelia, o homem estacou subitamente. Qual um sonâmbulo, aproximou-se das grades que circundavam a faustosa vivenda e, agarrando-as com as mãos crispadas e nervosas, ficou durante uns instantes, como um autômato, a ouvir a surda algazarra que de dentro da casa vinha. O ruído dos cristais, os estampidos das garrafas de champanhe ao abrirem, sugestionava-o. Depois, pouco a pouco, como que voltando de um desmaio, foi saindo do letargo que se achava. Passou as mãos pela fronte, que escaldava.

"Mas, por que aquele homem sofria?" Por quê?! Não fora a sociedade, essa sociedade "alta" e pérfida que lhe roubara a esposa carinhosa e meiga? Não fora essa mesma sociedade criminosa que lhe roubara a filha, uma jovem donzela, atirando-a nos turbilhões da ruína e deixando-o só, a fim de ocultar nas entranhas da terra a vergonha que lhe corroía a vida? Bem quisera subtrair-se a esta, mas em vão: o cálice da amargura não terminara para a sua existência!

Nisto o homem olha para trás; um guarda aproximava-se sonolento, talvez na trajetória de sua ronda costumaz, desconfiado com tão misterioso passeante; mas o pobre homem, no estado em que se achava, comparou-o a alguma encarnação satânica, e numa corrida louca embrenhou-se naquele labirinto de ruas. O guarda, meio desperto, assustou-se, porém, tarde para apanhá-lo.

E naquela corrida demente, através daquele dédalo de ruas, e alucinado achou-se repentinamente no Viaduto do Chá. Exausto, ofegante,

olhou em redor: nada... A lua, calma e serena, vagava no límpido manto celeste, iluminando o mundo.

O corpo todo lhe tremia, apoderado de uma comoção frenética, tornando-o novamente no sonâmbulo de a momento. Com passos mal seguros galgou o balaústre do formidável viaduto. Seus olhos vítreos tomaram o fulgor de dois diamantes negros, coruscantes. Em pé, qual um fantasma, alongou os braços em busca de alguma coisa invisível e deu no vácuo o passo fatal; nem um só grito lhe saiu dos lábios; o mesmo silêncio reinava naquelas paragens; só a lua é que se tinha obumbrado ante tão horrível espetáculo de dor...

FICHA TÉCNICA

Coordenação geral: Júlio França e Oscar Nestarez
Coordenação de pesquisa: Daniel Augusto P. Silva
Revisão textual: André Azevedo de Alvarenga
Preparação: Malu Schocair
Comunicação Digital: Rebeca Riga
Design gráfico: Renata Luz e Ana Giulia Mussury

Tênebra
Biblioteca digital de narrativas obscuras brasileiras